

03a0421-31

pelo lado
de Rayman

1. Reynaldo Moura em Rey. 31. dec.
2. O drama científico deste instante
3. Correio do Povo
- 4.
5. Porto Alegre
6. 30 de junho de 1931 - terça-feira
7. n.º 451
8. editoriais colaborações
9. Bem
10. Luíze S. Heermann
11. 23 de janeiro de 1996.

O drama científico deste
instante

(Especial para o "Correio do Povo")

Os escriptores do século XIX, na
luz de suas (~~prophecias~~) profecias, dei-
xaram ao mundo um legado de perse-
tua esperança. E a realidade desta
hora inquieta, de angústia, enchendo de
arrebato o espírito dos povos, confirma,
pela presença dos factos, o milagre
surpreendente das previsões.

Já se disse que todo movimen-
to philosophico e precedido pela intuição
pratica, que cria o fulgor da miragem
onde cedo ditará raizes um corpo
de doutrina. A sciencia applicada,
como todas as ~~outras~~ coisas, pertence

ao mesmo mundo fenomenal. Dahi
o augurio — a evidencia phantomatica
dos nouellistas — preendo a espantosa
maravilha que ha de vir.

Neste instante de neurose,
que é o panorama de uma humani-
dade envenenada pelo calido encanto
das proprias criações, o sonho dos reali-
sadores é uma luminosa projecção. É
o drama scientifico das desolutas
resume-se na silenciosa luta dos
genios, os infatigaveis trabalhadores da
physica e da chimica, na fria atmos-
phera dos laboratorios.

É desses recantos onde nem mesmo
penetra a curiosidade omnipresente dos
repaters, que saem as mais estranhas
criações da industria moderna.

A humanidade deveria adorar
os laboratorios como altares da sciencia.
Delles nos vem todo o conforto desta
civilização saborosa, e delles emanam
as proprias fontes da vida, nas rutilas
ampolas dos séros que (sabam) salvam
a carne quando a morte a hypnoti-
za num desejo de destruição.

Mas... foram também esses traba-
lhadores sinistros da chimica que crea-
ram a guerra dos gazes! Que deram
ao aço dos projecteis modernos a ver-
tiginosa população estracalhadora dos

corações; que facilitaram o commercio da loucura pela fabricação synthetica dos alcaloides do nônio.

Embora. Este instante do drama scientifico do planeta tem uma singular fascinação. Pela manhã, entre as espiraes do primeiro cigarro, abre-se o jornal. E o jornal, um cheio do calor da luta que vai pelo mundo. Picard, lá no azul, (~~presentido~~) ^{presentindo} o fio inter-planetario na queda das columnas thermometricas de seu bojo de aluminio, vai verificar uma das tentas audacias mentaes de Einstein, e buscar valores atmosfericos para a correção total de um capitulo da physica...

Marconi commenda, do seu hiate, as ondas da invisivel energia e illumina, através dos oceanos, um edificio inteiro da capital da Australia... Entre nós, realisa-se a mesma prova, com Spinhelli, em Recife, no Rio, com o padre Alfredo Soares! Mas nós só acreditamos em Marconi, porque Marconi é consagrado e os outros não são consagrados, nem são estrangeiros... Acreditaremos agora que um estudante italiano da provincia, quasi um adolescente, descobriu o meio de captar a energia electrica da atmosfera, e deixaremos as moças e nosso Julio Maria, sem um

exame detido e seio do seu invento.

Isto porque entre nós ainda não ha mentalidade scientifica.

Entretanto, ao que se annuncia, esse humilde operario de Recife parece que age de boa fe. Vejamos as ultimas noticias sobre as provas de seu invento:

— um embuste banal, "fios finissimos",

entre uma tomada de corrente e o decantado apparatus, na experiencia feita no palacio do inteructor:

Fios "finissimos"! Mas, como poderia o rapaz accender as lampadas do palacio - antes de ser afastada da parede a mesa onde collocára seu apparatus - como poderia accendel-as, si pelos fios "finissimos" que tão bem soubera occultar, a densidade de corrente não daria para tal? Do contrario esses fios conductores, de pequena secção, teriam fundido immediatamente...

Aguardemos o ultimo acto do drama de Julio Moura. Ha em sua linguagem de leigo, nas declarações que tem prestado á imprensa, muita coisa irrisoria. Reconheçamos, porém que se trata de um operario intelligente, embora desconhecendo as leis modernas da energia, que deram ao universo uma unidade eterna. E pensemos como Liebig que o segredo de todos os que realisam descobertas,

está no facto de que elles nada encaram como impossível.

As idéas científicas que regem a alma dos sábios de cada época têm toda a solidez dos dogmas religiosos. Lentas em se estabelecer, demoradas também em sua evolução. Creio que é de Le Bon esse conceito. É para exemplificar - e, citamos o caso de Ohm descrito pelo mesmo autor: - Quando este descobriu a lei sobre a qual repousa toda a sciencia da electricidade, publicou-o em livro repleto de experiencias tão simples e concludentes, que poderiam ser comprehendidas por um alumno de escola primaria. Pois, pasme o leitor, não somente Ohm não conseguiu ninguém, e os ^{Sábios} daquela época o trataram de tal maneira que ~~ele~~ elle perdeu a cátedra de que vivia e, para não morrer de fome, sentiu-se feliz em ter encontrado um lugar de 1.200 francos por anno, em um collegio, lugar no qual trabalhou durante seis annos! Não se ~~deu~~ lhe fez justiça, sinão ao fim de sua existencia.

Peior é ainda o caso de Robert Meyer, que nem tardiamente obteve o justo premio. Quando elle descobriu a mais importante das grandes leis scientificas modernas, a da conservacão da energia, com grande difficuldade ~~encontrou~~ encontrou uma revista que consentisse na insercão de sua

memoria: mas nenhum sabio lhe prestou atençãõ, nem mesmo a sua publicaçãõ successiva sobre o equivalente mecanico do calor. Depois de haver tentado suicidar-se, Meyer entouqueceu e continuou ignorado a tal ponto que, quando Helmholtz ^{heftz} fez a mesma descoberta, nãõ sabia que tivera um predecessor...

E o proprio Le Bon, o ~~estadista~~ estudioso da historia da ciencia, que nos conta essas panagens significativas, elle mesmo tem sido legado até os nossos dias com uma pertinacia, por parte ~~do~~ ~~por~~ ~~partes~~ da sciencia official, bem digna de melhor emprego. Toda a sua monumental obra sobre a desintegraçãõ permanente da materia, a energia intra-atômica, a generalizaçãõ, enfim, do phenomeno de radio-actividade, cujo ambito é muitas vezes maior que todas as descobertas parvas sobre a substancia radio-activa, até agora permanece quasi esquecida, a nombrã dos nomes de Becquerel, Curie, Rutherford, Debierne, cujos meritos talvez fiquem bastante aquem dos de Le Bon. Mas Le Bon é um louco...

O prestigio, e muito pouco a experiencia é o elemento habitual das nossas convicções scientificas. E, esse estado de espirito, desde Galileu até hoje, perdura com

pequenas modificações. Mas um genio científico coincide com a mysteriosa lucidez da loucura. E esse pobre rapaz de Recife, que viu fugir de suas mãos para a vertigem cósmica do ether a luz secreta que scintillava um instante sob o seu commando, talvez ainda nos venha a dar uma tremenda lição de patriotismo e de fé.

Porque o Brasil tem tido os seus cientistas sem nome. Quem foi que criou o maravilhoso milagre da radiophonia? Os "yankées" que a industrialisaram, não citam o inventor. Apenas os aperfeiçoadores, como Forest e outros. E nós, aqui em Porto Alegre, ao passarmos pela igreja do Rosario, olhando as torres silenciosas do velho templo, e descobrindo ao fundo o portico que dava estrada para a humilde residencia onde viveu seus ultimos dias ^{um} dos mais illustres sacerdotes catholicos do Brasil, certamente não nos lembramos, porque não sabemos, que foi o padre Landell de Moura o creador obscuro dessa caixa de magia sonora, que capta, no silencio das noites, a musica de palavra estrangeira, e as symphonias de Beethoven, trazidas na palpitacão de ondas mysteriosas, de um theatro de New York, de um transatlantico em alto mar.

Mas o que se observa entre nós, nota-se em toda parte, quando vem á tona

Jacobinismo científico. Em cerca de mil páginas de seus dois volumes de química inorgânica, Ostwald, o consagrado autor alemão, não cita uma vez sequer o nome de Lavoisier. E, coisa curiosa, quando trata da lei enunciada pelo genial pai da química, fal-o de uma maneira absolutamente infeliz. Simplesmente porque, não querendo lançar mão das palavras simplérrimas do imortal postulado, serve-se de um complicado circumloquio para chegar ao mesmo ponto.

Essa deselegante atitude mental de Ostwald nota-se em toda a sua obra. É bem o índice de um estado de espírito perfeitamente indigno de um sábio, mas como trata-se de uma má vontade para com os franceses, a negação Systematica de seus meritos pelos tratadistas alemães, enfim vá lá...

Não queremos estabelecer paralelos, é claro, mas desejamos demonstrar que o honro mal, em parte, é um mal geral que não encontra raiz na realidade. Necessitamos zelar pelo nosso patrimonio científico antes que outros se apoderem d'elle.

Para o "Yankee", o pai da aviação é Wright; para o gaulez,

Santos Dumont nasceu em Paris...

Sem duvida, falta-nos ainda uma cultura capaz de modificar a nossa attitude mental. Porque somos dos ex-temos, em quasi todas as coisas. Acreditamos na conta dos Requeios e nas curas do professor Mozart, mas temos um sorriso symptomatico para as classicas experiencias de Crookes, ou as inominadas narrativas do dr. Richet. Mesmo os nossos homens chamados "de cultura" ja tem geralmente o seu partido tomado. Consequencias fataes da ausencia de ambiente para os trabalhadores da intelligencia. Porque o novo mal e exclusivamente scepticismo. Um scepticismo profundo, eguido, vicioso, que ja penetrou profundamente nas estratificacoes da nossa formacao mental. Não pesquisamos coisa nenhuma, e no novo radicalismo melancolico só temos duas attitudes, como nos melios politicos: ou aceitamos com (~~desmedido~~) desmedido entusiasmo, ou negamos ferozmente!

Ora, neste instante febril do mundo, as civilisacoes esgotadas entraram em agonia. No conflicto ~~aparente~~ latente da Europa, não ha mais que a inquietude de uma sociedade em fallencia. E a força creadora que povoa os espiritos para os desvirginar dos segredos

do planeta, parece deslocar-se nesta direcção, buscando as inteligências juvenis da America, que são o dealbar de uma promessa, no mundo de após guerra.

Talvez sejamos nós os predestinados para a objectivação, no instante científico da actualidade, das ficções maravilhosas dos nouellistas propheticos. Não deixemos amortalhar no silencio um inventor nacional. Lembremo-nos de que o universo não é mais que a energia sensível, que tudo é um na infinita modalidade do ether, e talvez Julio Moura haja tocado na Tecla mais facil de um instrumento invisível e simples, mas cujas manifestações nos apareceram.

Parece que, para o brasileiro, o universo é ainda e um sonho: que elle nada pôde diante do mundo e dos outros homens; e nessa anemia da esperença, nesse perpetuo protelar, vamos nos entorpecendo para a festa da vida, que é o espectáculo e fulgor da energia dos povos.

Rinaldo Moura.